

O Desenvolvimento de Linguagem de Crianças Surdas em Língua Brasileira de Sinais

Autores

Rosana de Toledo Luciano

Orientador

Ana Claudia Balieiro Lodi

Apoio Financeiro

Fapic

1. Introdução

Para a realização desta pesquisa adotou-se como base a teoria Histórico-Cultural, que afirma que é por meio da linguagem que as pessoas constituem-se sujeitos. É também por intermédio da linguagem que a criança amplia suas relações com o outro e com o mundo, o que lhe possibilita o desenvolvimento das funções mentais superiores, por estes serem processos mediados, em essência, por signos.

Segundo esta teoria, a linguagem da criança, desde seu início, é essencialmente social; desenvolve-se no plano das interações sociais, nas relações interpessoais para, gradualmente, transformar-se em intrapessoal.

Inicialmente, o desenvolvimento de linguagem das crianças é dependente das relações sociais construídas com seus familiares. Assim, em uma casa em que todos os moradores são ouvintes, o desenvolvimento da criança é decorrente do seu contato com a linguagem, das significações de suas ações realizadas pelos adultos, que também significam suas próprias ações para com a criança. Dessa forma, todo desenvolvimento da criança é mediado pela linguagem e, portanto, depende da presença do Outro, ou seja, será por meio do contato com uma pessoa que já possui o domínio da linguagem que a criança irá, dialeticamente, constituir-se como sujeito. Sendo assim, é por meio do Outro que a criança irá constituir seu EU.

No entanto, quando há um caso de surdez na família, este processo deve se dar de forma um pouco diferente, pois a família terá que se reestruturar para, em seguida, proporcionar o desenvolvimento de linguagem da criança. Isto acontece, pois, ao conceber uma criança surda, os pais terão que aprender a lidar com a diferença do seu filho, principalmente com relação ao seu desenvolvimento de linguagem e constituição de si próprio, pois a criança surda terá dificuldade em se apropriar da linguagem oral, uma vez que esta privilegia a função auditiva.

Desse modo, para que o desenvolvimento da criança surda se dê de forma semelhante ao de uma criança ouvinte, aquela deve ser exposta a uma língua acessível, visualmente, para a construção deste processo: a língua de sinais. Assim, os pais devem ser orientados sobre a exposição da criança, o quanto antes, a pares surdos - adultos fluentes e usuários da língua -, que serão os responsáveis por proporcionar as condições necessárias, por meio das relações interpessoais construídas, pelo desenvolvimento lingüístico da criança.

Entretanto, este processo não é simples, pois depende da aceitação da surdez pela família, processo que, muitas vezes, acarreta em privação do contato da criança com uma língua de mais fácil acesso, determinando atrasos no desenvolvimento da criança. Ou seja, o não acesso à linguagem familiar pela criança surda - linguagem oral -, irá fazer com que seus membros construam uma forma de comunicação com a criança a partir de gestos caseiros (*home signs*) a fim de garantir uma relação mínima com a criança; esta, por sua vez, torna-se restrita à satisfação de necessidades básicas, que não é suficiente para garantir o desenvolvimento da linguagem da criança. Este fato a privará de organizar pensamentos, realizar novas aprendizagens, entre outras coisas tão essenciais à vida cotidiana.

Assim, considerando as circunstâncias sociais que não favorecem o desenvolvimento de linguagem por crianças surdas e frente a escassez de estudos nesta área em nosso país, torna-se necessário o desenvolvimento de trabalhos que visem conhecer o processo de apropriação da linguagem pelo qual passam as crianças surdas, se tem-se como objetivo propiciar condições de desenvolvimento para esta parcela da população da mesma forma como são propiciadas para as crianças ouvintes. Nesta perspectiva, está sendo desenvolvida esta pesquisa, que visa estudar e acompanhar o desenvolvimento de linguagem de duas crianças surdas, filhas de pais ouvintes, que não tiveram contato com a língua de sinais até sua entrada na escola, aos cinco anos de idade.

2. Objetivos

Esta pesquisa teve como objetivo o estudo do desenvolvimento da linguagem em Libras de duas crianças surdas, de cinco anos de idade, que apresentam perda auditiva neurossensorial profunda bilateral. Elas foram denominadas, para este estudo, Miguel e Laura. As duas crianças passaram a ter contato com esta língua no ambiente escolar no primeiro semestre de 2005, por meio do contato com pares surdos, com um educador surdo fluente em Libras e com intérpretes de Libras/Língua portuguesa. Procurou-se observar como se constitui o processo de apropriação da linguagem em Libras pelas crianças frente aos diferentes interlocutores aos quais foram expostas e quais os efeitos dos conhecimentos construídos nesta língua nas diferentes práticas sociais experienciadas pelas crianças, em especial aquelas relacionadas a sua vivência escolar.

3. Desenvolvimento

Os eventos investigados para o desenvolvimento desta pesquisa focalizaram dois espaços do ambiente escolar - oficinas de Libras e a sala de aula - , espaços nos quais as crianças surdas tinham contato com interlocutores fluentes em Libras. Participavam das oficinas, todas as crianças surdas que estudavam na escola de educação infantil, um educador surdo e uma fonoaudióloga fluente em Libras. Como as interlocuções ocorreriam em Libras, a coleta dos dados foi realizada por meio de filmagens, semanais, com duração de uma hora e trinta minutos. No espaço de sala de aula, faziam-se presentes, além das crianças surdas, crianças ouvintes, um professor ouvinte e uma intérprete de língua de sinais. Assim como nas oficinas, neste espaço a coleta de dados também se deu por meio de filmagens, porém estas não tiveram periodicidade e tempo de gravação determinados, em função da própria dinâmica da sala de aula.

O estudo foi realizado longitudinalmente e centrou-se nas interações e no uso da linguagem em diversas situações. O estudo longitudinal mostrou-se o mais adequado para tal fim, uma vez que possibilita ver a realidade se apresentando “em processo”, revelando as interações e, conseqüentemente, o uso da linguagem nas diversas situações, possibilitando ao pesquisador uma visão ampla dos processos e dos produtos sociais construídos nestes espaços.

Para a análise dos dados, adotou-se uma metodologia de pesquisa qualitativa que, derivada da matriz antropológica cultural, buscou descrever ou reconstruir o cenário do processo de desenvolvimento de linguagem das crianças. Assim, o método de análise procurou descrever e compreender a lógica interna, a dinâmica e as contradições dos processos envolvidos nos usos da(s) linguagem(ns) em Libras.

A **análise do corpus** teve como base as três premissas descritas por Bakhtin/Volochinov (1999), que se fundamentam na importância de se considerar todo enunciado nas situações concretas de enunciação e, estas, no contexto sócio-ideológico que as engendraram. Desse modo, a ordem metodológica para este estudo considerou: a) as formas e os tipos de interação verbal em relação à situação de produção em que elas se realizavam; b) as formas de enunciação em relação estrita com a interação verbal e; c) o exame das formas da língua (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1999).

Este modo de estudar as particularidades discursivo-enunciativas das línguas aproxima-se da *análise microgenética* realizada nos estudos desenvolvidos à luz de uma perspectiva vygotskyana, nos quais se enfatiza a necessidade de realização de uma análise minuciosa de um processo, buscando compreender sua gênese social (e, portanto, sócio-ideológica) e as transformações desse processo no curso dos eventos observados (GÓES, 2000).

4. Resultados

As análises revelaram que, no segundo semestre de 2005 (quando esta pesquisa foi iniciada), Laura e Miguel demonstravam um desenvolvimento gradativo de linguagem. Miguel, no começo do semestre, mostrava-se atento às sinalizações do adulto surdo, construía diálogos se em parceria com o educador surdo e participava ativamente das atividades por meio da linguagem. No entanto, a criança esteve afastada da escola por um período de, aproximadamente, dois meses. Quando retornou ao espaço escolar, observou-se que Miguel mostrava-se desatento e com pouca compreensão sobre o que lhe diziam. Compreende-se esta transformação como decorrência das próprias condições de vida de Miguel e às poucas interlocuções que seus pais puderam estabelecer com ele neste período, por não conhecerem a língua de sinais. Este fato vem ao encontro das discussões realizadas neste relatório que apontam para a importância do convívio de crianças surdas com adultos surdos e/ou ouvintes fluentes na língua a fim de que seja garantido seu desenvolvimento de linguagem.

Enquanto isso, neste mesmo semestre, Laura que continuava freqüentando as aulas e oficinas, passou a demonstrar significativo desenvolvimento de linguagem, propondo jogos de nomeação em atividades de narrativas, relacionando os personagens do livro a fatos que conhecia da história, trazendo, algumas vezes, situações de seu cotidiano para complementar sua narrativa. Neste processo, iniciou uma análise dos traços distintivos dos sinais, o que determinou a presença de trocas “fonológicas” em sua linguagem.

No primeiro semestre de 2006, Miguel voltou a freqüentar diariamente a escola. O contato com seus pares e com o educador surdo, usuários da língua de sinais, determinou que, nas oficinas de Libras, a criança se mostrasse mais interessada nas atividades realizadas, começando também a propor jogos de nomeação (assim como tinha sido realizado por Laura no semestre anterior), e a construir enunciações utilizando-se de sinais isolados para a construção de suas mensagens, sinais estes sempre coerentes ao sentido do diálogo e da atividade.

No que diz respeito à Laura, foi possível observar, no espaço das oficinas, que a menina buscou expandir seus enunciados quando no diálogo com seus pares e com o educador surdo, principalmente naquelas atividades em que não era compreendida. Observou-se, também, que ela começou a fazer uso do sistema pronominal da Libras corretamente, com verbos sem flexão, processo esperado para crianças que apresentam um uso maior da linguagem (conforme processo descrito na literatura) do que Laura e a utilizar processos discursivos próprios da língua quando queria enfatizar algo acontecido no espaço escolar.

Com relação à sala de aula, um dos pontos que merece ser considerado para o desenvolvimento das crianças, diz respeito à relação estabelecida entre elas com o professor e com a intérprete. Os dados indicaram que, neste espaço, apesar de estar havendo o desenvolvimento de atividades significativas e que buscaram a participação das crianças surdas, essas pouco favoreciam momentos de interlocução entre os alunos, o que seria essencial para o processo de desenvolvimento de linguagem pelo qual as crianças estão passando. Este fato determinou que, em sala de aula, Laura e Miguel restringissem mais sua forma de expressão, realizando gestos de apontar, produzindo enunciações especulares ao seu interlocutor ou enunciados realizados por um ou dois sinais, sem se preocuparem com a re-elaboração de seus enunciados quando não eram compreendidos (como observado nas oficinas).

5. Considerações Finais

No que tange à participação e frequência das crianças na escola, pode-se dizer que Laura esteve presentes durante todo decorrer da pesquisa, freqüentando as aulas no período matutino e as oficinas de Libras desenvolvidas no período vespertino. Esta mesma afirmação pode ser feita em relação à Miguel no primeiro semestre de 2006. Este contato mais freqüente com a Libras foi determinante para o desenvolvimento da linguagem das crianças.

No que se refere à relação estabelecida entre as crianças, pode-se dizer que tanto Laura como Miguel apresentaram evolução. Laura mostrou-se mais aberta a seus colegas, conversando, discutindo, questionando as demais crianças em diferentes momentos. No caso de Miguel, observou-se que, apesar dele querer este contato com as demais crianças, sua interlocução se deu, basicamente, com Laura.

Com relação ao uso que as crianças passaram a fazer da linguagem, foi possível observar que Laura, no espaço das oficinas, buscou expandir seus enunciados, passando a combinar sinais, principalmente em atividades em que não era compreendida. Este processo ainda não foi observado por Miguel, embora ele tenha apresentado desenvolvimento significativo da linguagem. Laura começou, também, a fazer uso do sistema pronominal em Libras combinando adequadamente seus sinais ao direcionamento do olhar, processo fundamental para o processo de significação em Libras. No entanto, esperava-se que a criança, no decorrer de um ano, pudesse realizar enunciações mais elaboradas.

Questiona-se, então, se as restrições lingüísticas observadas não estão relacionadas à falta de oportunidades de expressão vivenciadas pelas crianças surdas em sala de aula e ao período ainda pequeno em que estas participam das oficinas de Libras (duas vezes por semana, durante uma hora e meia), pois as análises realizadas apontaram para diferenças enunciativas importantes quando as crianças tinham como interlocutor outro surdo ou um ouvinte (mesmo que este fosse fluente na língua).

A resposta a este questionamento fica na dependência de uma transformação das situações lúdicas e de ensino-aprendizagem desenvolvidas no espaço escolar, de forma a levar as crianças a um maior uso da linguagem e, portanto, aponta para a necessidade de ações que possibilitem esta mudança, além de haver a necessidade de continuidade na observação do desenvolvimento das crianças.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin. Marxismo e Filosofia da Linguagem. 9ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.

GÓES, Maria Cecília R. de. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: Uma perspectiva para o

estudo da constituição da subjetividade. **Caderno Cedes**, Campinas, n. 50, p. 9-25, 2000.